

**...há tempo para parar...!**

## Semana Santa/Páscoa

O **Domingo de Ramos** abre a Semana Maior dos cristãos. A celebração dos Ramos será na hora habitual dos domingos, com excepção de Vildemoinhos, que será às 9.00h. Às 17h realiza-se, neste lugar, a Via-Sacra ao vivo.

No **Viso** (Igreja do Seminário das Missões): **Quinta e Sexta-Feira Santas** - às 19.00h. **Vigília Pascal** - 21.30h.

**Domingo de Páscoa:** 9.00h - Convento; 10.00h, 11.30h e 18.30h - na Igreja do Seminário.

A **Visita Pascal** será realizada Domingo de Páscoa de manhã (9.30h - 11.30h). O pároco irá às famílias que se inscreveram previamente para benzer as novas casas ou para visitar os doentes.

Em **S.Salvador:** **Quinta e Sexta-Feira Santas** - às 20.00h. **Vigília Pascal** - 21.30h.

**Domingo de Páscoa:** 8.30h - Paradinha e Vildemoinhos; 18.00h - S.Salvador.

A **Visita Pascal** segue os moldes habituais. O pároco acompanha um dos grupos.

Na Visita pascal, o pároco acompanhará uma das cruzes, este ano, em S. Salvador (quintas).

Para Quinta-Feira Santa são convidados especialmente os jovens da Profissão de Fé e os seus pais.

Para a Vigília Pascal convidam-se os que foram baptizados ao longo deste ano, com seus pais e padrinhos.

### Sacramento da Reconciliação

Os párocos estão disponíveis meia hora antes da Eucaristia nos dias da semana.

No Seminário das Missões: das 9.00 às 12.00h e das 15.00h às 18.00h.

### Exposição “São Paulo ... as formas da Fé”

Está patente até 06 de Junho, no Seminário Maior uma excelente exposição, da responsabilidade do Departamento dos Bens Culturais da Diocese de Viseu. Pode ser visitada de segunda a sexta, das 10.00h-12.30h e das 14.30-17.30. Aos sábados por marcação. Uma boa proposta para o tempo pascal.

# Ao Domingo...

V Domingo Quaresma B n. 66 29.03.09 Email: folhaadomingo@gmail.com

Folha Dominical do Vicariato de Nossa Senhora do Viso, Convento de Santa Beatriz,  
Seminário das Missões e Paróquia de São Salvador.  
[www.senhoradoviso.net](http://www.senhoradoviso.net)

## Espiritual e/ou psicológico

O termo “espiritual” etimologicamente provém do latim “*spiritus*”, que, por sua vez, é tradução do termo original hebraico “*ruach*” que significa “sopro de vida”, “alento”, “energia”; ou seja, Aquele que dá vida e sentido aos limites do humano e ao universo. Espiritual designa, então, a abertura do humano ao Transcendente, que garante a vitalidade (“*ruach*”) à precariedade do humano; ou seja, o humano só encontra sentido e empreenderá projectos ousados, caso viva esta abertura ao Transcendente, que é Sagrado, Fascinante, Misterioso, Totalmente Outro, que transcende a realidade humana, mas que se manifesta nela para a transformar e santificar (M. Eliade, 1967).

Assim, as dimensões configuradoras do homem espiritual são: confiança face ao sentido da vida pela abertura ao Transcendente; sentido de missão a realizar na vida pela relação com os outros; compreensão da vida como manifestação do Sagrado; equilíbrio entre os valores instrumentais/materiais e altruístas de solidariedade e partilha; visão positiva do mundo face aos acontecimentos *stressantes* da existência humana: o sofrimento e a morte...

Torna-se necessário, e urgente, o diálogo interdisciplinar (respeitador e cooperante) entre os “profissionais” de ajuda. Isto é, os conselheiros espirituais devem recorrer aos psicoterapeutas, quando o nível de análise e de compreensão do problema exceder o seu âmbito e possa ser obstáculo à caminhada espiritual; e os psicoterapeutas deverão estar sensíveis à dimensão espiritual quando esta interfere nas outras dimensões psicológicas, evitando, deste modo, prestar um pernicioso serviço ao cliente reduzindo a realidade do humano às dimensões meramente psicológicas da consciência imanente.

**V Domingo Quaresma B**

Jer 31,31-34 / Heb 5,7-9 / Jo 12,20-33

**Se o grão de trigo caído à terra morre, produz muito fruto.**

(Jo 12, 24)

Os Gregos querem **ver Jesus**. Representam a dimensão mais racional da nossa procura de Deus. Procuram a excelência de uma doutrina, identificando-se com aqueles que continuam a buscar o prodígio ou milagre que possa transformar magicamente a vida. Torna-se patente o desejo de superar com facilidade a distância entre o nosso limite e o absoluto de Deus.

Jesus responde sem dar grandes e pormenorizadas explicações racionais. Deseja que entremos na sua morte com a nossa, para participar juntos na ressurreição. Que será também a nossa.

Com a simplicidade do camponês que colhe a vida dos sulcos da terra, proclama: *“se o grão de trigo caído à terra não morre, não dá fruto”*.

Na lei que se esconde no grão minúsculo, anuncia a lei universal da vida.

**Quem quer a vida, deve perdê-la;** o campo de trigo desponta de um cemitério de grãos.

O morrer é experiência de cada dia, Jesus revela-nos o segredo: se morres por amor encontras a vida, aquela verdadeira que tem a sua matriz em Deus.

Deus é amor porque o Pai morre de amor pelo Filho e vice-versa. Esta é a obediência de Jesus. A vida verdadeira que permanece para sempre é amor. Também nós devemos seguir a “obediência” de morrer por amor, continuamente, semeando cada momento presente de grãos que, semeados, abalam a terra como se fosse o sepulcro da Páscoa.

**Com(o) S.Paulo em caminho ao encontro de Cristo**

**Dar a vida: CRUZ**

A cruz é para os cristãos, o símbolo por excelência do amor de Deus por nós. Tal como Jesus Cristo, S. Paulo abraçou a cruz com todo o amor, no meio das tribulações, sofrimentos, prisão e, por fim, no martírio: “Para mim viver é Cristo” (Fl 1, 21) “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20).

- Se deixarmos Cristo viver em nós, seremos, certamente, mais obedientes e humildes nas nossas acções do dia-a-dia.

- Rezar a oração da manhã e da noite. Colocar na agenda e dispôr-se a participar nas Celebrações da Semana Santa.

**Escola Bíblica Familiar (EBF)**



**Rute (Rt) – Os pobres devem lutar pelos seus direitos? (12)**

Rute é um romance histórico situado na época dos Juízes, mas é sobretudo um livro contra a xenofobia que marcou épocas mais tardias do judaísmo.

Mais do que no amor, o livro de Rute centra o seu enredo na **lei do levirato** e do resgate: quando um homem morre, sem deixar descendência, o irmão ou o parente mais próximo deve receber a viúva e gerar filhos, que perpetuarão a memória do defunto; e deve ter igual atenção em relação aos bens patrimoniais. Assim se cumpria a lealdade familiar no quadro da legislação antiga (Dt 25,5-10). É esta lealdade que torna exemplar, mesmo admirável, o livro de Rute.

As suas personagens têm nomes carregados de simbolismo: Elimélec = “o meu Deus é rei”; Noemi = “minha doçura”; Mara = “amargurada”; Maalon = “enfermidade”; Quilion = “fragilidade”; Orpa = “a que volta as costas”; Rute = “a amiga”. Estes nomes representam, no cenário de uma sociedade agrícola, o drama do infortúnio e do luto, mas também a força triunfante da solidariedade e da vida.

Rute é uma história bíblica em que **Deus se faz presente, não através de acontecimentos extraordinários, mas no cumprimento das normas sociais mais comuns**. Este Deus discreto, quase silencioso, não é, porém, menos actuante e surpreendente na manifestação da sua fidelidade.

Em linguagem aparentemente inofensiva, o livro parece conter um protesto muito hábil contra o rigor exagerado da época de Esdras e Neemias, relativamente aos casamentos mistos (Esd 9-10; Ne 13,1-3.23-27). Na história de Rute pode ver-se como o Deus de Israel, que permitiu a uma moabita entrar na genealogia de David (e por isso mesmo, na do próprio Jesus Cristo: Mt 1,5-17), não podia ser tão rigoroso que excluísse as estrangeiras do seu povo.